

ELE FAZ DE TUDO, ELA REZAVA

Newton Araújo Jr.
Da equipe do **Correio**

Ele é conhecido como *doido* por todos os vizinhos da rua onde mora há cerca de 22 anos. Ela não saía mais de casa, depois que passou mais de três meses no Hospital de Base. O casal Edivaldo Batista Pereira, 52 anos, e Maria José Pereira, 49 anos — casados ou juntos, os vizinhos não sabem ao certo, há mais de 25 anos —, foi tragicamente separado.

Maria morreu de edema pulmonar agudo pela absorção de um gás, provavelmente cloro, de acordo com a autópsia do Instituto de Criminalística (IC) da Polícia Civil. “Estou morrendo, estou morrendo”, gritava Maria, ao ser carregada pela rua, a caminho da ambulância. Pela pouca roupa que usava, certamente a mulher já estava deitada, na hora em que o acidente aconteceu, calculam todos que presenciaram a cena. Edivaldo está internado em estado grave na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Regional da Asa Norte.

A tragédia na QNN 6, da Guariroba, deixou a vizinhança literalmente na rua — oito casas foram interditadas — a comentar durante toda a madrugada e o dia de ontem o acidente com o cilindro de gás manipulado indevidamente por Edivaldo. A rua sempre calma de repente se viu no centro das atenções de todos.

O homem não tinha idéia do perigo que corria ao mexer no equipamento. Quem morava mais perto ouviu um barulho como algo se rompendo e “um chiado mais forte que uma panela de pressão, enquanto o gás escapava”, diz a estudante Graziela de Sousa, 18 anos. Todos correram para a rua ou procuraram um abrigo seguro nos fundos das casas.

O filho caçula do casal, Ronaldo, 20 anos, estava em casa na hora do acidente e teve de correr de cuecas para escapar do gás mortal. Por ironia do destino, ele trabalha na Minasgás. O rapaz está internado no Hospital Unimed, em Taguatinga. “Responde bem aos medicamentos, está consciente, mas muito abalado com a perda da mãe”, segundo um primo que não quis se identificar. Os médicos aguardam resultados dos exames para definir o quadro clínico.

Percílio Rodrigo, 23 anos, o filho mais velho do casal, escapou da tragédia, pois mora em Santa Maria. É casado desde fevereiro do ano passado. Casamento de muito gosto da mãe, Maria, o que muito a tranquilizou, por ver o filho encaminhado. Ontem o rapaz apareceu na rua interditada. Estava abatido, olhou para tudo, não pôde se aproximar da casa dos pais, devido à intrepidação, e não quis falar nada.

Maria tem duas filhas do primeiro casamento: a mais velha, de cerca de 30 anos, também se

Edson Gês



ESQUISITO

Edivaldo tem fama de pessoa meio maluca na rua onde mora, por seus hábitos incomuns, mas os vizinhos falam bem da família “Na passagem de Ano-Novo, quase à meia-noite, ele estava na frente da casa, soldando uma esquadria”, conta um policial militar que mora em frente, e outro diz que “uma vez ele estava às 3h em cima do telhado”

chama Maria, é casada, tem uma filha pequena e mora na Ceilândia Sul. A outra filha, Helena, um pouco mais jovem, é solteira e mora com a avó em uma quadra próxima. Ficaram fora do acidente.

FAZ-TUDO

Todos se referem a Edivaldo como um faz-tudo: era serralheiro, marceneiro, pedreiro, quebrava qualquer galho. “Edivaldo é tido como *doido*, mas não fazia mal a ninguém. Não me lembro de nenhuma pessoa que ele tenha ofendido”, diz a telefonista bilíngue Iolanda Gomes, 21 anos, que mora quase em frente à casa de Edivaldo.

“Dizem até que ele tem atestado de insanidade, mas eu nunca vi isso”, conta outro vizinho, o barman desempregado Juvenal dias dos Santos, 44 anos. “Cheguei até mesmo a arranjar trabalho para ele”, conta Juvenal. Apesar de considerarem uma pessoa que não mexia com ninguém, as atitudes de Edivaldo incomodam os que moram por perto.

Não é a primeira vez que os vizinhos presenciaram coisas estranhas na casa de Edivaldo. “Na passagem de ano-novo, quase à meia-noite, Edivaldo estava na frente da casa soldando uma

esquadria”, conta o policial militar Manoel Pinheiro de Sousa, que mora em frente. Edivaldo não conhecia mesmo horários. “Uma vez ele estava às 3h da madrugada em cima do telhado fazendo consertos”, diz outro vizinho.

Para a vizinhança, toda a fa-

Reprodução



DESESPERADA

A caminho do hospital, Maria gritava que estava morrendo

mília era de gente boa, legal, que vivia na casa deles, sem conviver muito com os que moram perto. A exceção de Edivaldo, toda a família frequenta a igreja evangélica Cruzada Cristã Pentecostal, logo ali no fim da rua. “Maria era religiosa, lia a bíblia, ia sempre comigo à igreja. E o filho Ronaldo toca teclados no culto”, relata a vizinha apsentada Lourdes Soletis, 47 anos.

A fama de loucura de Edivaldo tem suas razões de ser. “Ele é muito forte e, se chamado, conseguia levar nas costas um poste de rua ou uma manilha de concreto”, conta a vizinha Carmelita Conceição. “Ele costumava plantar bananeiras aqui pela rua”, conta outro. “Não dorme. Passa a noite toda trabalhando”, diz um terceiro. “Edivaldo costumava lavar a rua quando isso aqui era só barro”, afirma mais um.

O que deixava triste a mulher Maria é que Edivaldo tem

mania de fazer e desfazer tudo em casa. Móveis desmanchado e novamente refeitos. Paredes derrubadas e reconstruídas. A árvore na frente de casa toda amarrada. “A cama do casal era truncada, de ferro. Era tão grande que cabia a família inteira”, exagera o cobrador de ônibus Antônio Sousa, 48 anos, que mora a três casas de distância de Edivaldo. “Muitos móveis eram feitos de cerâmica, até o suporte da TV”.

Um faz-tudo estabonado, mas alegre, em nenhum momento agressivo, segundo todos ao redor. E prestativo. “Edivaldo foi o único que me ajudou aqui em casa com o problema da caixa-d’água pesadíssima”, conta Lourdes Soletis. “Subiu no telhado e pegou quase que sozinho no pesado”, diz ela.

Outra mania de Edivaldo é não andar de ônibus. Toda distância ele enfrenta de bicicleta. Costuma andar Brasília inteira. Pedalando chegava a Santa Maria. Não bebe, não joga e não fuma. Até pouco tempo, ainda mascava tabaco, o único resquício de vício. Para os vizinhos ele era um atleta e chegou a ganhar uma bicicleta nova numa corrida competitiva. Bicicleta que desmontou todinha para refazer a dias depois.

MILAGRE

Os filhos só davam alegria à mãe, segundo os vizinhos, mas mesmo assim ela vivia eternamente preocupada com eles. “Não queria que os filhos sássem de casa”, conta Carmelita Conceição. “Era para eles ficarem sempre ao lado dela.” Baixinha, gorda, com mais de 100 quilos, Maria teve problemas sérios de saúde há pouco mais de um ano.

Ficou internada por três meses no Hospital de Base tratando-se de males no coração e pulmão, agravados por diabetes. Por uma semana inteira ocupou a UTI do hospital. Durante todo o período da doença, o marido, Edivaldo sempre lhe fazia visitas. “Ele pegava a bicicleta e ia visitar a mulher. Entrava escondido no hospital e passava a noite lá”, relata outra vizinha. Ninguém se lembra de discussões entre os dois.

Os amigos consideram um milagre a mulher ter sobrevivido a esse período no hospital. Muitas vezes Maria deu testemunhos na igreja, pondo na conta de Deus a sua recuperação. Depois de refletir sobre tanta luta para sobreviver à doença, a vizinha bilíngue Iolanda filosofa sobre Maria: “A morte a esperava dentro da sua casa”.

GASES QUE MATAM

A QUE USOS ELES SERVEM

O gás cloro é mais conhecido pelo uso na esterilização de água, seja no tratamento de água potável ou em limpeza de piscinas. A substância também é usada na indústria química, para fabricação de papel, celulose e material fotográfico e na composição de inseticidas. A aparência é de um gás amarelo esverdeado. O cheiro se assemelha ao de água sanitária. “É igual ao cianeto. É um gás fatal”, compara o toxicologista Otávio Brasil. Em

piscinas, o uso é feito apenas com um medidor automático. A proporção é de quatro gramas de cloro para cada mil litros de água. O uso só é recomendado em piscinas de clubes e academias. O acetileno é um gás derivado do petróleo. O cheiro se assemelha ao do alho, “ou a algo podre”, diz Brasil. É usado como combustível para aparelhos de solda. No organismo, o efeito é imediato, no sistema nervoso central e medular. O gás também deixa rastros no fígado e nos rins. Quando o inala, a vítima fica com uma aparência amarelada. Os sintomas são dores musculares, náuseas,

convulsões, tonturas, e pode-se chegar até ao estado de coma. “Bastam 40% de absorção para a vítima ter entupimento do cérebro”, diz Brasil. Tão letal quanto os outros gases, a amônia é de fácil identificação. O cheiro se assemelha ao da urina e também pode causar paralisia dos músculos do pulmão. Os três gases podem provocar queimaduras na pele e nos olhos. O toxicologista alerta que as pessoas atingidas por qualquer um dos gases devem ser mantidas sob observação permanente, porque correm o risco de ter problemas neurológicos posteriores.

ATAQUE ÀS VIAS RESPIRATÓRIAS

Enquanto a perícia sobre o gás não é concluída, três são as possibilidades cogitadas até agora para o acidente de Ceilândia: cloro (mais provável), acetileno e amônia. Os três gases podem ser fatais quando aspirados em grande concentração, como, acredita-se, aconteceu com Maria José Pereira, de 49 anos, que teve contato com o gás dentro de casa, ou seja, em local confinado. Para o chefe do pronto-socorro do Hospital Universitário de

Brasília, pneumologista Ricardo Martins, “qualquer um desses gases pode ter esse tipo de consequência. O gás, que é altamente tóxico, se difunde com facilidade, ocupa o espaço do oxigênio e causa dificuldades respiratórias. A pessoa respira, mas o conteúdo de ar está contaminado pelo gás, que entra e gera lesão no tecido pulmonar”. O também pneumologista Laércio Valença, da Clínica de Pneumologia e ex-presidente da Academia de Medicina de Brasília, explica os efeitos de um gás tóxico, quando respirado. Ele esclarece que, “quando alguém inala um gás como o cloro, isso pode causar

ferimentos, como queimaduras. Tudo depende da concentração de gás. No caso da pessoa que morreu, imagino que ela tenha ficado em um ambiente confinado, exposta a uma concentração altíssima. Ou seja, teve contato com muito desse gás”. “Ao ser respirado”, completa o médico Laércio, “o gás provoca inflamação de todas as vias respiratórias, rapidamente. É uma questão de minutos. Isso provoca uma pneumonia química. Fica difícil respirar. E o gás que chega aos pulmões tem dificuldade de entrar na circulação sanguínea, pela própria inflamação. A pessoa acaba morrendo por asfixia”.